

Comunicação e educação: dinâmicas do tempo¹

Adilson CITELLI²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo resulta de pesquisa realizada em escolas brasileiras ao longo de 2018 e possui vínculos com os estudos postos sob angulação educomunicativa. Daí decorreram indagações sobre a presença e os usos dos dispositivos midiáticos, sobretudo em suas versões digitais, nos processos de ensino e aprendizagem, assim como no reconhecimento dos hábitos mais gerais de docentes e discentes quanto aos vínculos com os meios de comunicação. Neste paper buscamos refletir acerca de problema particular envolvendo os circuitos comunicação-educação: o tempo, a temporalidade. Ou seja, nos interessa saber como professores e alunos vivem as dinâmicas temporais nos ambientes da educação formal. Entre as técnicas investigativas acionaram-se entrevistas, questionários presenciais e *online*, observação direta, abrangendo estudantes e professores. Os resultados apontam que os públicos escolares reconhecem existência de um tempo socialmente acelerado.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Educação; Sociotécnicas.

Introdução

O que se lerá resulta de preocupações sobre as quais nos debruçamos nos últimos anos cujo problema central diz respeito aos vínculos da comunicação com a educação ou, simplesmente, da educomunicação. Por motivos a serem esclarecidos, elegemos a categoria do tempo como instância mediadora central para se pensar os nexos comunicativo-educativos.

O material em exposição resulta de duas circunstâncias particulares. A primeira, consigna relação com trabalhos que vimos realizando e publicando em periódicos e livros, referentes a determinadas condições históricas que têm provocando mudanças profundas nos modos de organizar a vida societária em seus múltiplos nexos, nomeadamente nos terrenos da comunicação e da educação. Tecnologias locativas, internet, informação fragmentada e *online*, novas maneiras de os sujeitos entrarem em relação social, enfim, amplo é o leque para mostrar como os sentidos do ser e existir tomaram configurações

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XLII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém. PA.

² Professor titular do Departamento de Comunicações e Artes. ECA-USP. citelli@uol.com.br

próprias no mundo contemporâneo. Trata-se de um quadro no qual a comunicação ganha lugar de centralidade, sobretudo ao envolver os dispositivos tecnodigitais. A educação, por seu turno, sobretudo quando afeita à vertente formal, não poderia passar ao largo deste processo, sendo, de alguma maneira, por ele desafiada – com todos os ônus e bônus daí decorrentes.

A segunda circunstância decorre de pesquisa apoiada pelo CNPq e realizada ao longo de 2018, ainda em fase de análise dos dados, feita junto a 3708 discentes e 509 docentes do ensino básico, alcançando vários estados brasileiros. O propósito foi o de verificar se e como os dispositivos digitais (e nalguns casos analógicos) mobilizam as relações de ensino-aprendizagem, além de processos formativos mais amplos. Para tanto, utilizamos um conjunto de procedimentos de investigação, constando de formulário eletrônico, entrevistas presenciais, acompanhamento de aulas. Em seguida, todo material foi tabulado, a partir de recursos do *google drive*, assim como separado por formatos, digitais ou presenciais, depoimentos de professores e alunos, observação direta feita por pesquisadores que compõem o grupo por mim coordenado, o MECOM³. O material encontra-se sob escrutínio, permitindo visualizar determinado cenário que marca os vínculos educacionais em inúmeras escolas brasileiras. Neste percurso, atentamos para preocupações concernentes aos modos de discentes e docentes se relacionarem com os andamentos temporais, sobretudo quando entra em jogo a comunicação tecnologicamente mediada.

Delimitações

O debate que destaca o papel das interfaces educacionais no entendimento das maneiras como a informação e o conhecimento se organizam e circulam em nossa quadra histórica está vinculado aos arranjos sociotécnicos incidentes, sobretudo, nos processos de comunicação. Há certo consenso ensejando a ideia de que a mediação,

³. MECOM. Mediações educacionais. Grupo de pesquisa apoiado pelo CNPq e baseado no Departamento de Comunicações e Artes/ECA/USP/PPGCOM, sob coordenação do prof. Dr. Adilson Citelli. Pesquisadores associados: Dra. Ana Luisa Zaniboni Gomes, Dra. Sandra Pereira Falcão, MS. Michel Carvalho da Silva, MS. Suéller Costa, Dra. Elisângela Rodrigues da Costa, Dra. Maria do Carmo Souza de Almeida, Dr. Rogério Pelizzari de Andrade, MS. Douglas Calixto, MS. Edilane Carvalho Teles, Dra. Helena Corazza, Ms. Gláucia Silva Bierwagen. Mestrandos: Roberta Takahashi Soledade e Wellington Nardes. Iniciação científica: Rafaela Treib Taborda.

ao recortar grupos, classes, idades, malgrado as especificidades de cada segmento e as divergências de interesses entre eles, assim como a maneira de os meios de comunicação representá-los, termina por trazer consigo discursos, mensagens, arranjos sónicos, dos quais fica difícil manter equidistância. Alguns autores chegam mesmo a falar que pela importância dos processos de mediação, é imperioso ter em vista a construção das bases de uma cidadania comunicativa (MATA, 2006). Posto de outro modo: a participação mais ampla dos sujeitos no debate público se tornou bastante dependente do acesso – e de algum domínio –, aos mediadores técnicos da comunicação. Sem isto, as disputas discursivas e os jogos de poder restam esmaecidos ou encobertos, comprometendo, por último, a própria ideia da cidadania – em sentido republicano, no qual política e comunicação transitam em via próxima. Explica-se, neste contexto, a existência de propostas que desejam incluir no ensino formal e mesmo não formal disciplinas ou mesmo programas de qualificação/capacitação sob o título de: “educação para a mídia”, “literacia midiática”, “leitura crítica da comunicação”, etc.

É relevante observar que o problema geral da cidadania comunicativa ocorre frente ao reconhecimento de estarmos mergulhados em determinado cenário histórico. E nele os componentes sociotécnicos e tecnoculturais são incorporados às dinâmicas de vida dos sujeitos, podendo traduzir-se, por exemplo, em ambiências comunicativas capazes de reorientar as funções e os lugares ocupados pela recepção. As mudanças advindas na esteira das tecnologias digitais abriram possibilidades de os sujeitos atuarem nos territórios da produção dos signos, das elaborações simbólicas e representacionais, assim como da própria circulação das mensagens. Enfim, retomamos a ideia chave que nos acompanha e segundo a qual a comunicação passou a desempenhar, em nosso tempo, papel central, abrangendo desde o cotidiano da vida associada, entrando na elaboração das narrativas, seguindo por trocas discursivas, indo às influências sobre as sociabilidades, percorrendo camadas de significados que velam, revelam ou desvelam – conforme cada caso e situação – as artimanhas do real. E mais, no regime de mediação fica o desafio de expandir a cidadania comunicativa pondo-a em estreito contato com o mundo da educação, destacadamente aquela manifesta nas salas de aula. Neste reenquadramento é oportuno mirar para as reflexões e práticas que estão sendo ativadas pelas interfaces educomunicativas.

Recorte

A esse conjunto de preocupações, buscamos adicionar um novo elemento, aquele atinente à aceleração social do tempo. Ou seja, saber até onde a conexão permanente, o estar *online*, a convivência com um conjunto de dispositivos comunicacionais, do qual faz parte o celular, a internet, as redes sociais, etc., repercute no cotidiano escolar⁴. Para tanto, empreendemos a já citada pesquisa e sobre a qual trataremos, apenas, de uns poucos dados referentes aos discentes. Tal escolha diz respeito aos limites impostos a este *paper*.

Cabe justificativa preliminar acerca da escolha do tópico envolvendo a aceleração temporal. Uma das questões mais instigantes a marcar o pensamento humano diz respeito ao conceito de tempo, seus compassos, ritmos, formas de abordagem, etc. Pensar a sua dimensão histórica, cronológica, psicológica, política, em indagações que acompanham a filosofia, a arte, as ciências da natureza, etc., atravessa as preocupações de inúmeros pensadores desde o mundo clássico ao contemporâneo. Apesar desta envergadura não há tema em circulação nos dias correntes – servem como exemplos os estudos nas ciências cognitivas, na música, na literatura, na inteligência artificial, a nanotecnologia – que não estabeleça nexos dialógicos envolvendo a temática temporal. Do mesmo modo, as mudanças nas atividades produtivas, a circulação do capital globalizado, as relações de trabalho e de emprego, a sociabilidade, os fazeres escolares de professores e alunos, as programações televisivas, ainda para elencarmos outros poucos itens, têm regramentos, implicações, com a ordem de Cronos – o terrível rei dos titãs que em marcha decidida para exercer o poder não se furtou a castrar o pai Urano, tampouco devorar os próprios filhos. Lido como metáfora da nossa quadra histórica, o mito grego prossegue em sua marcha inexorável olhando de través o passado, estreitando a ideia do presente, e acenando com um futuro venturoso; resta saber se o domínio da internet das coisas, do *big data*, dos robôs, da colonização dos dados, do trabalho intermitente, do empresário de si mesmo, isto é, da reorganização da vida dos sujeitos frente à ordem do tempo – para nos restringirmos ao objeto central de nossas preocupações –, trarão aos homens e mulheres destino diferente do que o funesto cortejo reservado aos parentes de Cronos.

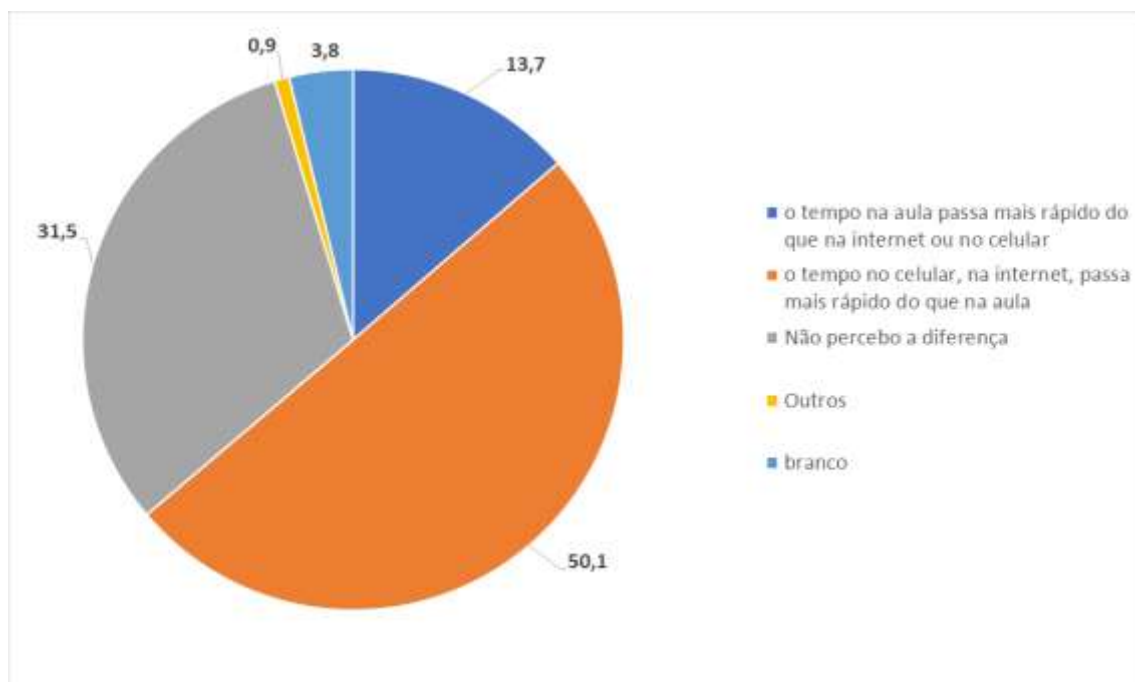
⁴. Para exame da “conexão permanente”, ver: COULDRY, Nick e MEJIAS, Ulisses A. (2019).

Do que nos ocuparemos é, portanto, pensar como diante dos fenômenos comunicativo-educativos – considerado especiosamente o espaço da sala de aula – se desdobra o processo de aceleração social do tempo.

Dados

A pesquisa já referida, observada em seu plano geral, revela a consciência dos alunos (o mesmo se poderia dizer dos professores) de que a contemporaneidade está marcada por circunstâncias tecnotecnológicas, tecnoculturais, próprias, donde decorre a produção de novas formas de relações sociais, modos de os sujeitos estarem consigo e com os outros, além de uma gama de possibilidades vinculadas à busca e troca de informações. E, no interior deste processo, é possível acompanhar como os discentes se manifestam com relação ao tempo. Sigamos alguns dados e os comentários correspondentes.

Gráfico 1 – Assinale a alternativa que mais lhe agrada

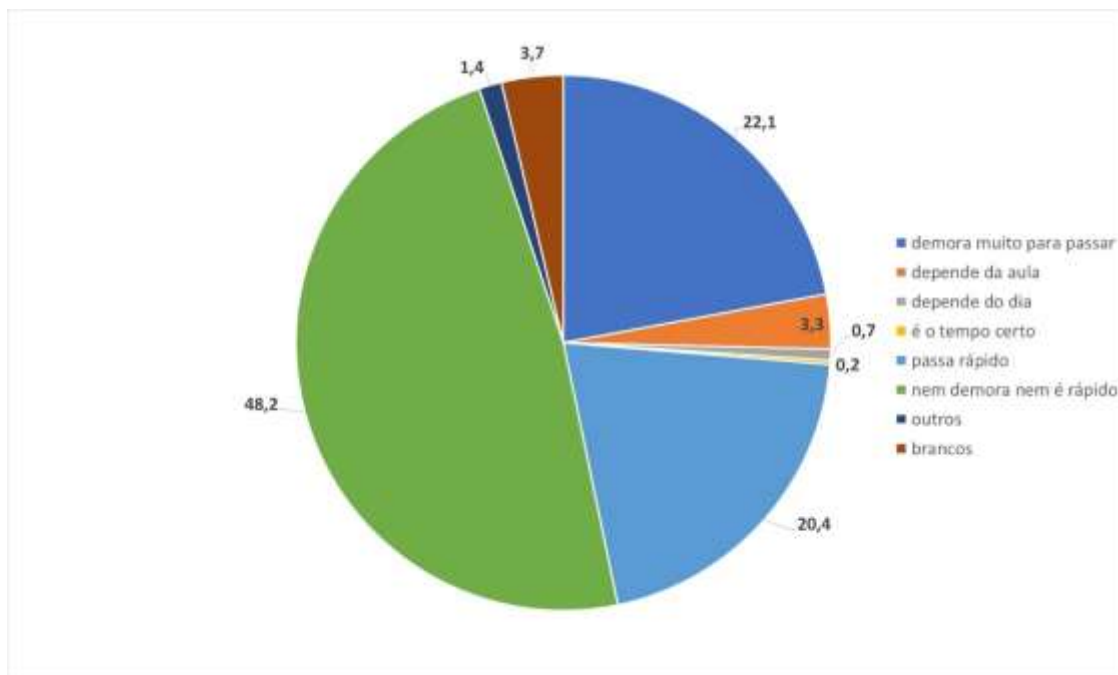


Havia, neste caso, a possibilidade de o entrevistado indicar mais de uma alternativa. Para fins de procedimento analítico foram destacadas as três com maior recorrência. A faixa dominante da amostra, 50.1%, respondeu que o tempo dispendido com o celular, com a internet, é marcado por maior aceleração. O direto oposto deste

grupo responde por 13.7%, ficando um número significativo, 31.5%, em posição de neutralidade, entendendo inexistir diferenças perceptíveis entre os andamentos do tempo escolar e o dos dispositivos.

Já no afeito à percepção acerca do tempo passado na aula, afora um conjunto de repostas que pontuavam casos particulares, por exemplo com relação ao professor ministrante (“alguns monótonos”, outros “provocando sono”, e mesmo o oposto, aqueles energéticos, “estimuladores da turma”) até o estado de ânimo do próprio discente em certo dia (“cansaço”, “pouco tempo de sono”), o que mais se verificou foram as situações seguintes.

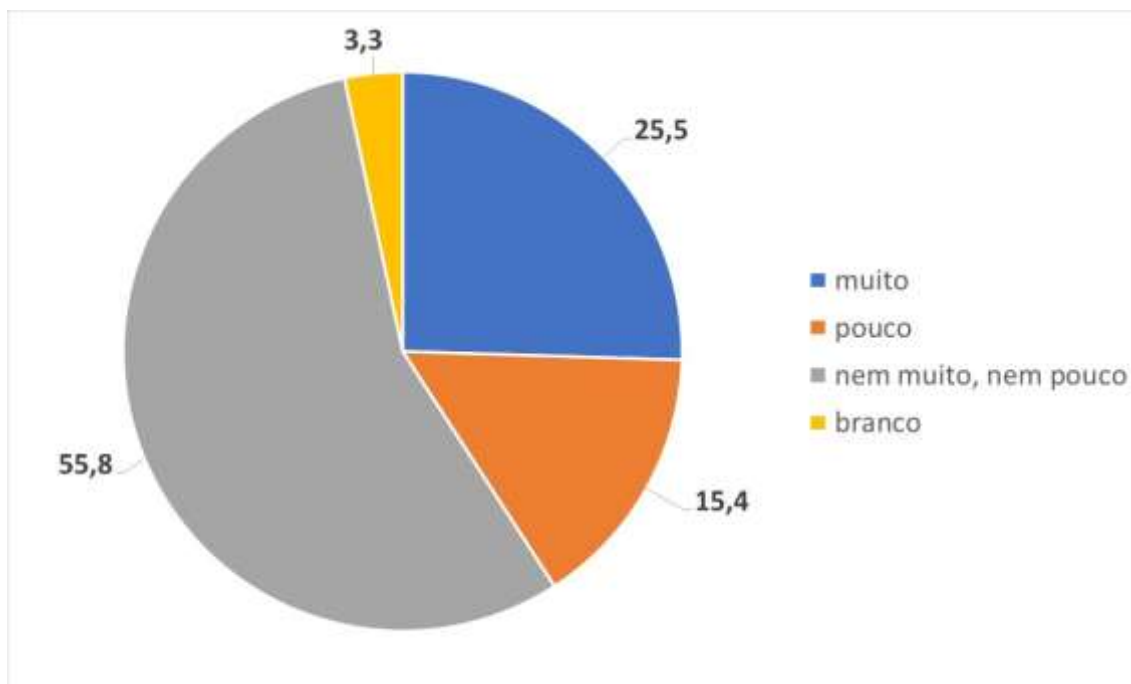
Gráfico 2 – O tempo da aula:



A maioria dos entrevistados, 48.2%, considera o tempo da aula, no geral de 55 minutos, ajustado. Os dois outros grupos praticamente se equiparam entre os que entendem haver lentidão (22.1%) e rapidez (20.4%). Ou seja, neste caso, inexistente o tipo de reconhecimento dado na tabela anterior, que atribuiu a sensação de maior apressamento do tempo quando se acionam os dispositivos digitais. Na mesma linha, segue a pergunta acerca do tempo que o aluno fica na escola. Aqui é necessário considerar o conjunto de atividades envolvendo desde as aulas, passando pela sociabilidade abrangente, da qual faz parte as vivências nos intervalos, os encontros no pátio, as

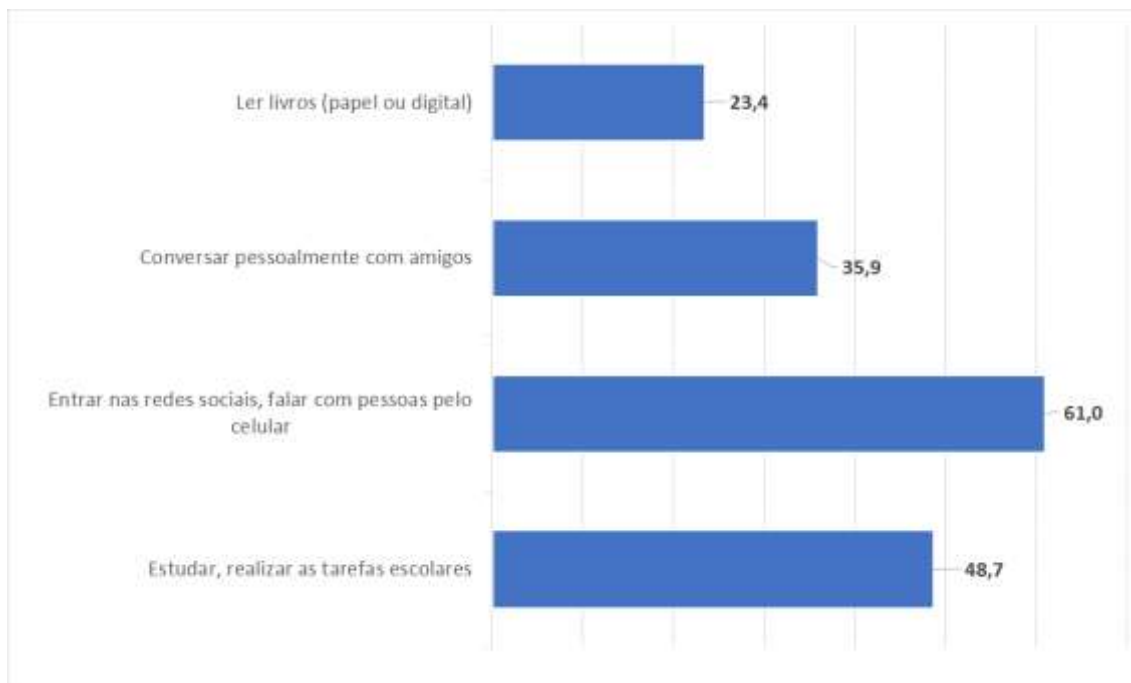
conversas variadas pelos corredores, até as iniciativas nos turnos expandidos, com a montagem de peças teatrais, realização dos jornais ou rádios escolares, as disputas esportivas e políticas pela direção dos grêmios estudantis, etc.

Gráfico 3 – Você acha que passa muito ou pouco tempo na escola?



A tendência verificada no gráfico 2, de certo ajuste temporal do aluno seja à aula seja à escola, permanece, aqui, proporcionalmente próxima. Neste caso, 55.8% responderam passar o período adequado dentro da unidade educativa; para 25.5% o lapso é demais longo, enquanto 15.4% consideram-no curto. Sem desconhecer as implicações trazidas pelo fato de quase 1/3 dos discentes não estar confortável com o que chamaremos de “tempo escolar”, fato a carrear consequências práticas nas relações de ensino-aprendizagem, uma possível constatação, considerando os gráficos 3 e 2, é que não há, propriamente, conflito de maiores dimensões neste tópico. Ou seja, o fato de haver enorme presença dos dispositivos de aceleração deixaria de representar, ainda, problema significativo frente à tríade tempo-aula-escola. Entretanto, quando ampliamos o espectro da pergunta remetendo a questão da temporalidade vivida pelo discente ao universo que mistura tópicos distintos como os das redes sociais, dos estudos, da leitura, dos sites de relacionamento, verificamos certa mudança de cenário, conforme é possível acompanhar no gráfico abaixo. Essa indagação permitia fossem cruzadas várias respostas:

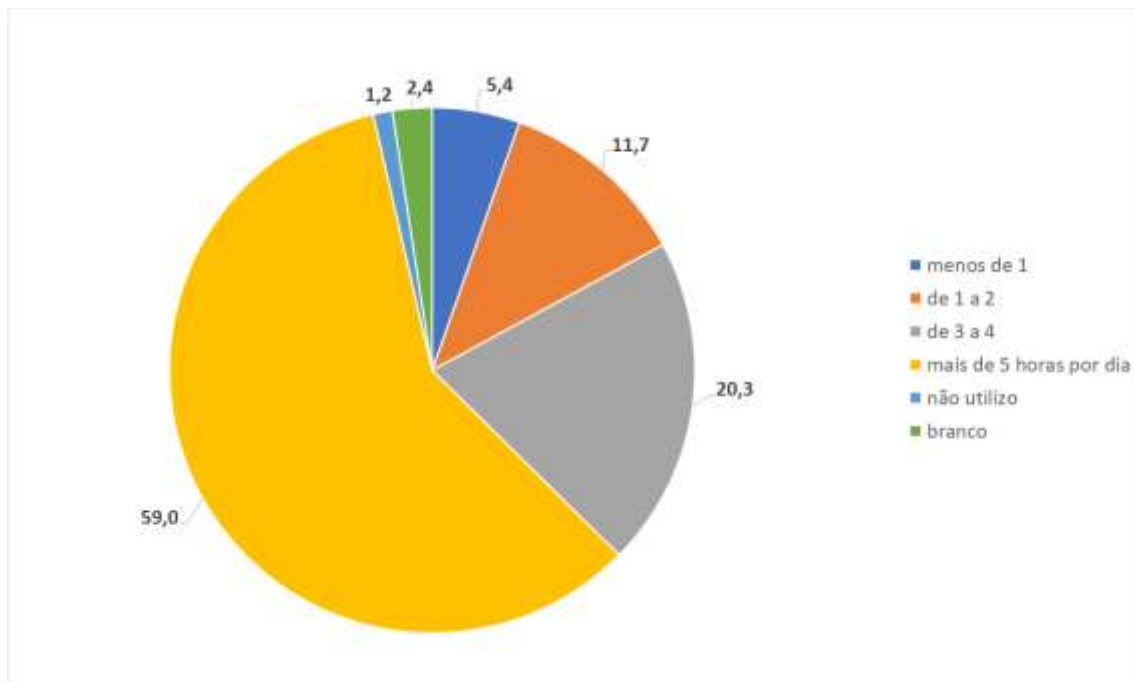
Gráfico 4 – Você dedica mais tempo para:



A alternativa reiterada, com 61% dos respondentes, diz respeito ao acesso às redes sociais e à conversa com amigos pelo celular. As outras alternativas concernem a procedimentos que não evidenciam os dispositivos digitais, caso de estudar, realizar tarefas escolares (48.7%), bate-papo com pessoal com amigos (35.9%). Ler livros em papel ou digital (23.4%) mistura dois suportes, em proporções que não chegamos a medir. De todo modo, chama atenção a ocorrência de alguma equidade entre os entrevistados, no tangente aos mecanismos de maior ou menor aceleração social do tempo. Tal assertiva, porém, apenas reflete situação localizada, na qual se explicita algo evidente, ou seja o destaque para o acionamento de suportes conectados à tecnosfera, ao lado de atividades, digamos, mais tradicionais como a conversa frente a frente com amigos. A se perguntar, o que não fizemos, como se vincula, no interior de atividades como a realização de tarefas escolares ou das conversações descontraídas, o ritmo temporal: se há pressa, fragmentação, descontinuidade. Enfim, se existem “sintomas de ativação da pressa”, mesmo em momentos para os quais não ocorrem os mediadores técnicos, comportamentais associados ao problema geral da velocidade.

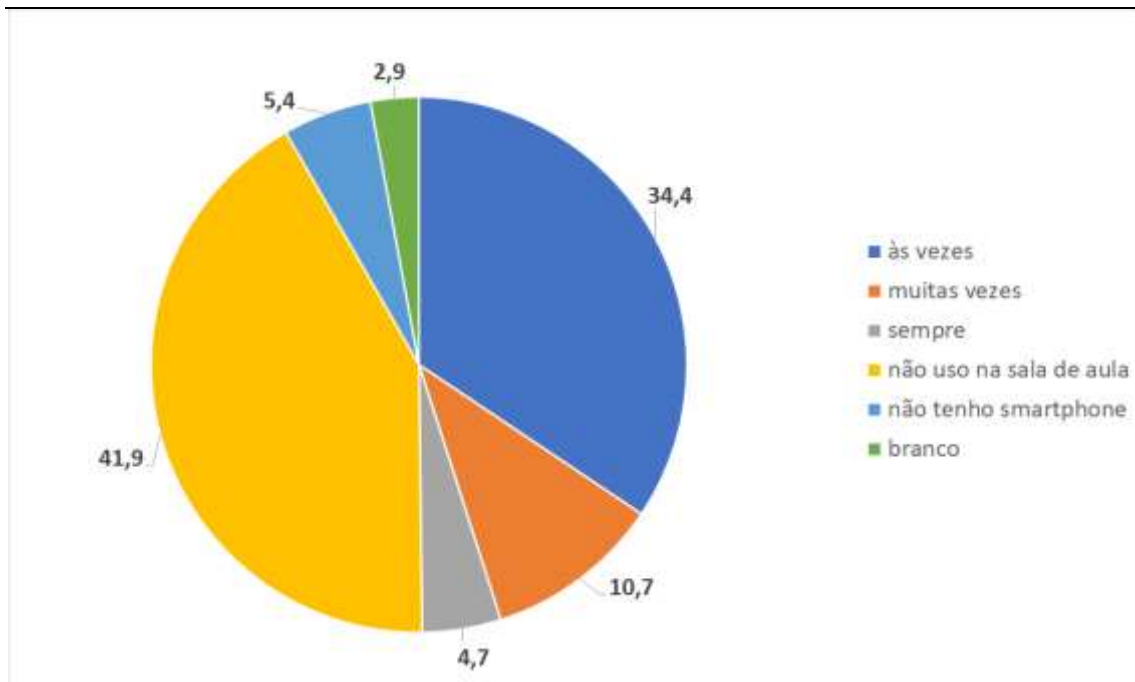
Uma outra maneira que utilizamos para tentar responder à indagação ensejada nesta pergunta – além de estratégias como as de entrevistas diretas com os alunos, e sobre as quais não nos voltaremos no momento – foi agregar ao questionário alternativas voltadas diretamente ao uso das tecnologias digitais. Fiquemos com umas poucas tabelas.

Gráfico 5 – Durante quantas horas por dia você utiliza internet:



Verifica-se, em quantidades de horas diferentes, que 91% da amostra aciona diariamente a internet, cujo vínculo com a aceleração do tempo é óbvio. A se ver que 59% passa mais de 5 horas por dia na internet, enquanto 20,3% o faz por períodos de 3 a 4 horas. Em síntese, 79,3% da amostra frequenta a internet entre 3 a 5 ou mais horas por dia. E parte desta assiduidade pode ocorrer durante as aulas:

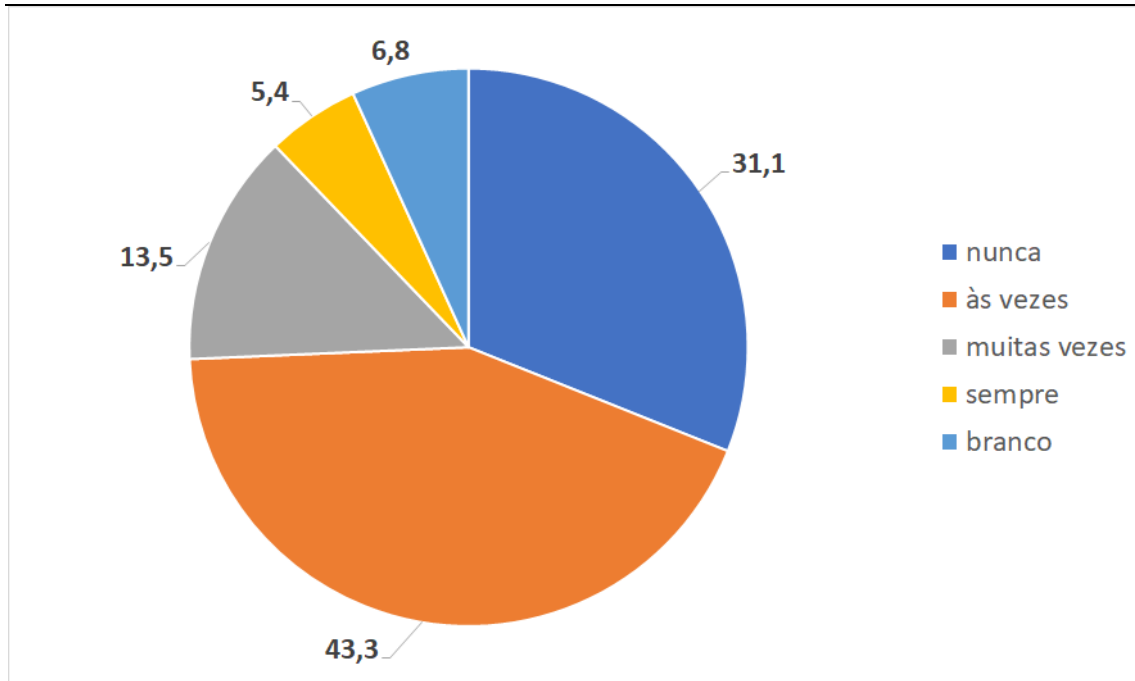
Gráfico 6 – Com que frequência você acessa seu smartphone na sala?



Sabemos que existem escolas e mesmo municípios e estados que ou proíbem ou colocam normas rígidas para o uso do celular em sala de aula, por exemplo, franqueando o acesso apenas a tópicos específicos das materiais ministradas e mesmo a certas atividades propostas por docentes. De todo modo, se juntarmos as alternativas às vezes (34.4%) e muitas vezes (10.7%), somando 45.1% da amostra, resulta que a maioria faz uso do smartphone durante as aulas, em situações transgressoras das limitações e mesmo dos determinativos legais. O que se faz com tal conexão, do modo como se faz, são temas em aberto a merecerem pesquisa mais detida. De toda sorte, existe, aqui, um problema significativo quando se procura tratar dos vários processos de aceleração social com impacto direto nas unidades educativas formais e no cotidiano dos seus alunos.

E apenas para reiterar esta variável voltada a ampliar o debate envolvendo o tempo, nas sequências entre os ritmos propriamente das aulas, os imperativos institucionais referentes aos espaços escolares, e os dispositivos de aceleração incluímos as duas próximas tabelas.

Gráfico 7 – Você já deixou de fazer alguma tarefa escolar pois ficou muito tempo conectado à internet?



Ainda que a resposta nunca (31.1%) seja expressiva – malgrado não significar esteja tal grupo ausente da internet noutros momentos, como aponta o gráfico 5 –, a soma das indicações às vezes (43.3%) e muitas vezes (13.5%) representam 56.8% do total de alunos. Equivale dizer, importante maioria, em algum momento, comprometeu a realização de tarefas escolares haja vista permanecer conectada à www.

Em síntese ligeira dos sete gráficos, podemos deduzir a existência de um quadro no qual se revela evidente tensão entre os andamentos do tempo institucionalmente escolar e aquele atravessado pelos dispositivos de aceleração. Certamente a matéria precisa ganhar reflexão mais acurada – estamos em pleno andamento analítico dos números globais recolhidos pela pesquisa –, sendo possível, entretanto, asseverar, que entre os inúmeros e complexos desafios enfrentados pela educação formal no ciclo básico um outro, e nem sempre muito considerado, referente aos andamentos do tempo na vida presente deve, também, ser objeto de reflexão. Entender as lógicas temporais da alta modernidade no cotidiano das salas de aula, talvez ajudem a desnudar alguns dos impasses nos quais está mergulhada a educação formal.

Enfim

Neste texto procuramos mostrar como a partir de certas possibilidades de pesquisa e reflexão postas na interface comunicação-educação é possível auscultar óbices – e

possíveis superações – colocados às escolas de ensino fundamental. A partir de pesquisa realizada com docentes e discentes (segmento aqui tratado), cujo vetor em linha com as questões da temporalidade foram postas em destaque, se verificou como certos componentes sociotécnicos passaram a desempenhar papel importante no processo educativo formal. Vale dizer, ganha extensão um procedimento no qual os sujeitos redefinem com maior celeridade os seus lugares sociais, seus modos de ver e perceber o mundo, em boa medida acionando os dispositivos da comunicação. É compreensível, portanto, estarem os chamados saberes escolares diante de incitações que, por um lado, trazem desassossego e, por outro, convidam a pensar em alternativas e novos formatos para encaminhar os fazeres educativos.

Intentamos argumentar que as mudanças esperadas não devem atingir apenas superficialmente o cotidiano das salas de aula, a exemplo dos pequenos acertos nos conteúdos disciplinares e na formatação das “grades” curriculares, ou mesmo no uso de alguns “recursos” comunicacionais para facilitar o entendimento de tópicos programáticos, dado estar em jogo, agora, um amplo rearranjo cultural, social, tecnológica, entrelaçado à elaboração, organização, distribuição e descodificação do conhecimento e da informação. E no interior deste processo, jogar luzes sobre os movimentos entre o tempo institucionalmente escolar e o tempo dinamizado pelos dispositivos técnicos passa a representar um incitamento que mal colocamos em marcha.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Champ intellectuel et projet créateur. **Les temps modern**, n.246, nov.:pp. 856-906, 1966.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação. A linguagem em movimento**. São Paulo, SENAC, 2004.

_____. (Org.). **Comunicação e educação. Os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo, Paulinas, 2018.

COULDRY, Nick and MEJIAS, Ulisses A. **The costs of connection. How data is colonizing human life and appropriating it for capitalism**. Palo Alto, Stanford University Press, 2019

CRARY, Jonathan. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo, Cosac Naify, 2014.

MATA, Maria Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. Revista **Fronteiras**. São Leopoldo, UNISINOS, VIII (1): p. 5 -15, jan.abr. 2006.

ROSA, Hartmurt. **Social acceleration: a new theory of modernity**. New York, Columbia University Press, 2015.

UNESCO: **Youth engaging with the world: media, communication and Social change**. UNESCO: Nordicom/Sweden, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Communication**. London: Penguin Books, 1969.